

 Obras completas de M. Teixeira-Gomes

Gente Singular

Novelas Eróticas

Maria Adelaide

Ana Rosa



Obras completas de M. Teixeira-Gomes

Gente Singular

Novelas Eróticas

Maria Adelaide

Ana Rosa

Volume II

Coordenação

José Alberto Quaresma

Nuno Júdice

Prefácio

Helena Carvalhão Buescu

Imprensa Nacional
é a marca editorial da **INCM**

Imprensa Nacional-Casa da Moeda, S. A.
Av. de António José de Almeida
1000-042 Lisboa

www.imprensanacional.pt
www.incm.pt
www.facebook.com/ImprensaNacional
editorial.apoiocliente@incm.pt

Reservados todos os direitos,
de acordo com a legislação em vigor.
© José Alberto Quaresma e Nuno Júdice
© 2021, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, S. A.



Conceção gráfica
Imprensa Nacional-Casa da Moeda

Revisão

José Vieira

Paginação

Leonel Duarte

Fontes tipográficas

Títulos Tribute | Frank Heine | 2003 © Emigre

Texto Minion Pro | Robert Slimbach | 1990 © Adobe Fonts



1.ª edição: novembro de 2021
ISBN: 978-972-27-2952-9
Depósito legal: 487 388/21
Edição n.º 1024901



Imagem da contracapa: Manuel Teixeira-Gomes (c. 1910), fotografia,
Officinas Photographicas, Lisboa. BNP Esp. N46/cx. 40

PREFÁCIO

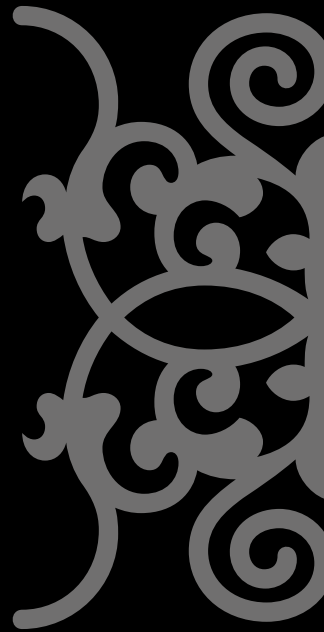
Estas quatro obras correspondem ao conjunto mais significativo da segunda parte da obra literária de Manuel Teixeira-Gomes, uma vez publicados anteriores volumes em que se afirmavam as principais características da sua estética: o sensualismo descritivo, a atenção ao pormenor singular, a captação de episódios muitas vezes elaborados como fragmentos autónomos. Todas estas características se consolidam, nas obras agora publicadas, de forma distinta — embora em todas elas possamos compreender o seu alcance e a forma como contribuem para a invenção e o singular estilo de Teixeira-Gomes. Veremos, em cada um dos quatro títulos, de que modo podemos encontrar estes elementos e como eles se combinam para definir uma voz invulgar no nosso panorama literário do início do século xx.

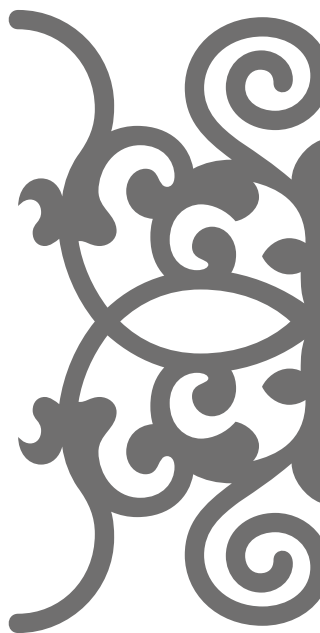
Gente Singular foi publicado em 1909, no final da monarquia portuguesa. Teixeira-Gomes, que viria a ser Presidente da República (o sétimo), entre 1923 e 1925, deixa-se aqui transportar pela sua atenção ao pormenor e à particularidade nos factos aparentemente mais comuns e quotidianos da vida. Assim, a «gente singular» de que fala, e que poderíamos num primeiro momento imaginar como indivíduos extraordinários, apresenta-se, pelo contrário, como conjunto de sujeitos enquadrados em contexto menor, as pequenas ou grandes cidades e vilas, os usos e costumes habituais (e não-habituais!) da sua gente, os campos atravessados pelo narrador e pelas personagens, os lugares de alguns dos seus desvios e especiosidades. São estes os indivíduos sobre quem recai a ideia de «gente singular».

E porquê? O que Teixeira-Gomes propõe é que é nestes pequenos parceiros da vida menor que, com atenção, se podem encontrar características e episódios, que protagonizam, de alguma forma peculiares. Transportando para uma escala maior: não haveria vida alguma em que um olhar atento não viesse a descobrir a agudeza da diversidade e da diferenciação. É pois o seu olhar que nos guia, e a sua fina sensibilidade que nos chama a atenção para as disparidades e estranhezas que passam muitas vezes sem nota. Tais disparidades recebem, em *Gente Singular*, muitas vezes um tom irónico, satírico, ou mesmo cáustico, que não apaga, entretanto, uma empatia infeliz, como no caso da Princesa Venérea, protagonista do primeiro conto. Já na história protagonizada por Leonor, a equívoca mulher que com aparente inocência está na origem do desastre financeiro do protagonista, ou na dos quatro manos que governam o grotesco episódio do conto «Gente Singular», o que sobreleva é a facilidade com que, mesmo a propósito do mais inopinado objeto (uma retrete...) é o episódio inesperado e faceto que se torna relevante: o olhar do narrador sempre perspicaz e sarcástico, que traz à tona as «singularidades» (e recordemos Eça de Queirós, no conto do mesmo nome) de gente aparentemente sem história... («O triste fim do major Tatibiate» ou «Profecia certa».)

Novelas Eróticas (1935), *Maria Adelaide* (1938) e *Ana Rosa* (1941) representam os últimos anos de produção literária de Teixeira-Gomes, desde 1925 já no autoexílio em que viria a morrer, em outubro de 1941, em Bougie (Argélia). O sentimento do esteta que foi Teixeira-Gomes é aqui levado ao extremo, num sensualismo ímpar na literatura portuguesa (mormente quando, na primeira metade do século xx, os tempos iam de feição ora a um intelectualismo modernista, ora a uma visão psicologizante, que o autor de que nos ocupamos também não pratica).

É curioso que a propósito de Teixeira-Gomes por vezes se veja usar o termo «nefelibata», que caracteriza um certo sentido de alheamento da realidade. Curioso porque, na verdade, o que nele se impõe é, pelo contrário, uma atenção particular e sensorial à materialidade pormenorizada das coisas, de tudo quanto existe e toca, por vezes de forma tão vívida, o narrador. É isto que subjaz às novelas que intitulou eróticas, porque o são de facto — e não poderiam sê-lo sem essa prevalência do corpo material que, justamente, está na base da pulsão erótica. Esta pulsão convive, por outro lado, de mãos dadas com a melancolia que a sua memória convoca: o narrador de Bougie recorda os episódios cosmopolitas e eróticos que, na





GENTE SINGULAR

D. JOAQUINA EUSTÁQUIA SIMÕES DE ALJEZUR

(Historieta quase romântica)

O refúgio, o bucólico sanatório indispensável às minhas crises de melancolia, era então a horta dos Pegos Verdes, oásis de laranjeiras sepultado num vale da serra, entre estevais sem fim. Ali haviam demorado por vários séculos alguns monges autênticos, de cuja pobreza os restos do convento — acanhadíssima construção térrea de pedra e barro — perpetuavam o atestado suficiente.

Eu ia para lá a pé, de espingarda a tiracolo, calculando a hora da partida de modo que chegasse ao nascer do sol, quando o hortelão, o Sr. Elisiário, já andava nas leiras, com a enxada, a abrir caminho à água.

A levada de alvenaria passava ao portão; sentava-me, descansando um instante a escutar o murmúrio da água, e logo, numa dessas frequentes e profundas acalmias da madrugada na serra, que um trilo de rouxinol perturba e magoa, eu cortava subitamente o silêncio com o meu grito:

— Elisiário!...

Da obscuridade rescendente onde o pomar tufava acudia sem demora a voz do velho, tenebrosa, ao rés do chão:

— Ora muito bons dias a vossenhoria... — E em seguida, mais aguda e livre: — Ó Custódia, ó Custódia... cá temos o patrão...

Era o sossego de duas vidas consagradas ao amanhã da leiva generosa que perfazia a paz solene daquele ambiente de solidão, e eu entrava nela tão naturalmente que nunca a trilhava...

A minha presença em nada alterava a norma de existência ao casal de velhos que para ali viera pouco depois da boda, quarenta anos atrás. Não tinham filhos nem os haviam desejado e, encantados no egoísmo daquela quietação cobiçada e realizada imperturbavelmente, as minhas poucas palavras eram-lhes indício de uma velhice precoce por onde nos emparelhávamos, e assim conseguia eu vencer a sua hostilidade latente, mas sempre alerta, por tudo quanto revelasse tumultos e petulâncias da mocidade.

A minha cama e o meu quarto arranjavam-se todos os dias, quer eu lá estivesse ou não, e esses cuidados conservavam-lhes na memória a minha lembrança; quando eu chegava recebiam-me singelamente, como a alguém que se espera depois de curta ausência, embora sucedesse passarem-se às vezes anos inteiros sem que me vissem aparecer. Do que eles comiam comia eu também, de sorte que nem mesmo o lado material da sua vida sofria modificação.

O velho era malicioso, com grande queda para a zombaria cujo exercício a surdez da mulher baldava naquele escampado e sobre mim gostosamente incidia, mais ou menos velada, enquanto por lá me tinha. A velha, verdadeira pobre de Cristo, calada e obediente, ia-se dobrando para o chão como um compasso que se fecha pouco a pouco, emperra e já não abre; parecia feita de barro amarelecido e gretado, com duas inextinguíveis pinceladas de carmim nas faces.

O pretexto à minha demora dava-o a caça, e de espingarda ao ombro subia eu todas as manhãs muito cedo à cumeada das serras por onde me deixava ficar horas esquecidas, mas a caçar de preferência ou exclusivamente, perspectivas e horizontes... A espingarda, no entanto, escudava-me a reputação já abalada e que fatalmente se faria de doido varrido ao vincar a suspeita de que não era pela caça que eu levava os dias inteiros a bater mato.

Umaz vezes por outras disparava a espingarda para o ar ou atirava ao alvo; os tiros ecoavam pelas quebradas dos montes e ouviam-se no convento, provocando, ao regresso, grande cópia de perguntas irónicas e sorrisos de mal disfarçada mofa no meu caseiro, que me via voltar de mãos vazias, e cujo auxílio e companhia nas minhas inocentes explorações campestres eu terminantemente recusava. As alusões, pouco respeitosas, do socarrão à minha má estrela venatória — ele não me punha em dúvida a perícia — eram invariáveis, sem nunca falharem e divertindo-me sempre.

NOVELAS ERÓTICAS

O inverno de 1890 foi dos mais ásperos que flagelaram a Europa durante o século findo, e na Holanda, então — onde eu o passei quase todo —, pois relativamente temperado e malissimamente preparado para as baixas temperaturas, morria-se de frio. Mas morria-se deveras, isto é: apareciam com frequência, nas ruas das cidades populosas, criaturas humanas inteiriçadas e mortas de frio.

O fleumático holandês clamava nos jornais contra a inclemência celeste, tal qual o exuberante napolitano — na desgraça todos se parecem —, anos depois vendo o Vesúvio tocar-se de gelo e a Riviera di Chiaia atascada em neve, se insurgia, também nas gazetas — como se a culpa fosse do governo —, contra a Providência que ordenava ou permitia aqueles rigores de temperatura em região a eles tão pouco afeita.

Foi o caso que nos Países Baixos todo o mês de dezembro a temperatura se manteve entre 25° e 30° centígrados de frio; gelaram completamente os canais, os rios e até o Zuider-Zee, o seu pequeno Mediterrâneo. Mas os holandeses, em todo o caso melhor petrechados do que os napolitanos para resistir a semelhantes intempéries, aproveitaram a situação para dela tirarem algum partido, e metidos em peles, caras ou baratas conforme as posses de cada um, puseram-se na rua a patinar, e como grandes mestres que são nesse género de divertimento insensivelmente se transformaram de sorumbáticos, mazorros e grotescos em gente comunicativa, desempenada e alegre, dando ao país uma animação extraordinária e nunca atingida em invernos normais.

Nos bairros populares das grandes cidades, como Amesterdão, o movimento durava, com intensidade quase igual, dia e noite, pois a qualquer hora o mesmo formigueiro humano cobria os canais, gente de todas as idades deslizando sobre o gelo em caprichosas evoluções e agitando os braços para atear o calor no corpo. Seria difícil encontrar-se alguém na rua que não levasse consigo um par de patins.

Era uma espécie de frenesi contagioso a que, naturalmente, não soube resistir e como houvesse passado vários invernos de aprendizagem no Norte da Europa aperfeiçoei-me e saí-me também exímio patinador, levando os dias inteiros a descrever corretíssimos S S e geométricos 8 8 sobre os lagos dos parques, na companhia dos meus amigos e das suas respeitáveis famílias.

Um dia que eu ficara de me encontrar em Vondel-Park — próximo ao Rijks-Museum — com vários elegantes de ambos os sexos para dali seguirmos em excursão de patinagem até Harlém, logo à entrada do parque, numa volta estreita e mal concorrida do lago, a atenção prendeu-se-me irresistivelmente numa rapariga encantadora, de farta e negra cabeleira solta, que patinava sozinha, e fiquei-me a contemplar-lhe os graciosos movimentos sem mais me lembrar de que a poucos metros de distância era impacientemente esperado por um numeroso grupo de amigos.

Ela notou sem demora a embasbacada insistência do meu embevecimento, que pareceu desagradar-lhe soberanamente, e como, ao transpor uma das curvas do lago, se voltasse para verificar se eu ainda a remirava, deu um jeito ao pé, de que resultou desmanchar-se-lhe o patim. Isto encolerizou-a grandemente, purpurizando-lhe o rosto e tornando-o ainda mais adorável.

Procurou sítio para sentar-se e tirar o patim, mas não querendo vir à margem do lago, a fim, talvez, de evitar a minha proximidade, mesmo sobre o gelo se deixou cair, como que numa birra infantil, e baldadamente empreendeu endireitar a haste de aço ou quilha que se entortara ao saltar do velho patim.

Mas à medida que se ia convencendo da inutilidade dos seus esforços assim crescia o seu despeito, a sua irritação, até ao ponto de interpelar brusca e rudemente outro inocente transeunte que parara também para a ver, dizendo-lhe qualquer coisa que devia significar: «ainda se não fartou de olhar para mim?». No entanto, os seus olhos, esbraseados pela cólera,

MARIA ADELAIDE

I

Maria Adelaide completara 16 anos quando lhe colhi as primícias, e, à semelhança do que sucede com frequência na terra onde habitávamos, os pais, que eram pobres, consentiam em que mantivéssemos relações *coram populo*, indo eu todas as noites dormir na sua companhia. Podia tê-la tirado logo à família, montando-lhe casa à parte, mas nem eu nem os pais sentíamos grande desejo de efetuar a separação: eles porque tendo-a em sua companhia melhor lhe exploravam os proventos da mancebia; eu para não dar mais solidez à ligação, esperando vagamente que fosse passageira...

ANA ROSA

Quando voltei ao meu quarto, ainda com o sabor dos seus últimos beijos, apressados e sôfregos, nos meus lábios e o som da porta do pátio que retumbara a ecoar-me no cérebro como a ameaça da separação e me sentei na cama desfeita a lembrar a delícia daquela hora tão breve, percebi que um acontecimento gravíssimo se dera na minha vida.

Embora leve, assaltou-me a apreensão do remorso, explicando-me quanto havia de justificado no vago pressentimento de uma calamidade que me fizera adiar, quase medroso, a execução de um ato que tantas outras vezes o desejo muito menos intenso precipitava.

Ana Rosa era diferente, mas incomparavelmente, das outras raparigas que tinham passado por aquele mesmo quarto e ali se me haviam entregado. Mimosa e simples, com o olhar púdico de quem se purpuriza à confissão ingénua do amor, consciente e teimosa nesse amor, satisfeita, orgulhosa de se ver desejada por aquele a quem ela erguera altares no íntimo da sua alma, abandonara-se ao seu destino sem cálculo nem reserva e na brutalidade quase selvagem da minha impaciência, dorida do que o ímpeto da minha concupiscência quase tornava um estupro, as suas mãos procuravam na sombra o meu rosto e acariciavam-no com delicadezas de arminhos, ternuras infantis, como que a desculpar-me do que ela sofria.

Fora uma violência de que me ficara o mau ressaibo por entre a lassidão dos sentidos apaziguados. Nos meus nervos fulguravam línguas de fogo que me queimavam a carne e mais de uma vez olhei as próprias mãos



ISBN 978-972-27-2951-2



9 789722 729512